

## DITADURA MILITAR

## Esperança para os familiares de vítimas

Ao **Correio**, parentes de desaparecidos dizem acreditar que o impacto de *Ainda estou aqui* ajudará a destravar o reconhecimento da responsabilidade do Estado sobre os crimes

» MAYARA SOUTO

Com o impacto causado pelo longa *Ainda estou aqui*, reconhecido na conquista do Oscar de Melhor Filme Internacional, familiares de desaparecidos na ditadura militar contam ao **Correio** sobre a expectativa de verem avanços na luta para provar a responsabilidade do Estado na morte de seus entes queridos.

A retificação das certidões de óbitos dos desaparecidos políticos está entre as principais ações em curso na Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, ligada ao Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania.

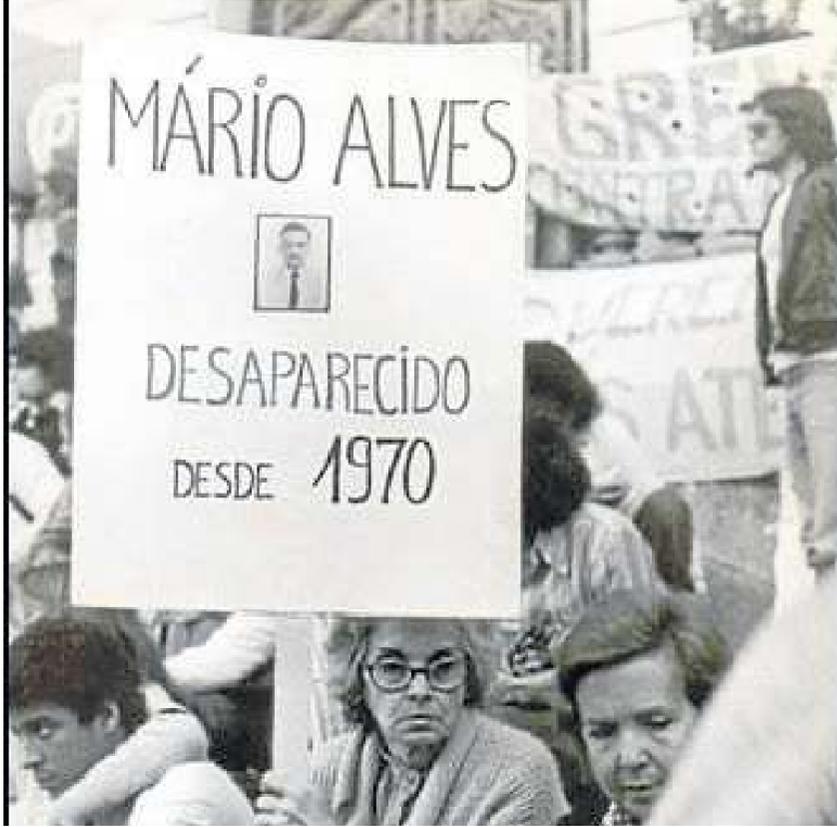
Representante dos familiares na comissão, Diva Santana afirma que estão previstas para serem entregues 334 certidões retificadas. Ainda não foi decidido se serão realizadas cerimônias nos estados para a entrega dos documentos ou um grande evento em Brasília. Também não há previsão de quando deve ocorrer, pois os cartórios de todo o país precisam fazer os trâmites.

Diva luta pelo reconhecimento das mortes da irmã, Dinaelza Santana, e do cunhado, Vandick Pereira, que integravam a Guerilha do Araguaia — movimento contrário à ditadura, que ocorreu na região amazônica entre 1960 e 1970. O casal foi visto pela última vez em 1973.

“Acho que o filme trouxe luz às mentes e corações do povo brasileiro de que, num passado bem recente, houve repressão ao ponto de prender, executar e ocultar cadáver. O filme não diz isso, mas ele mexe com a cabeça das pessoas, provoca toda uma discussão que está acontecendo”, declara a ativista, que atua desde a adolescência na causa.

Ela também relembra a sensação que reviveu ao assistir às cenas: “Na minha cabeça, passava um outro filme, aquele isolamento da família, que nós vivemos. O isolamento das pessoas terem medo de se aproximar da

Arquivo pessoal



Dilma Borges em ato contra a ditadura: neto diz que a avó fez uma busca incansável pelo marido

gente, por medo da repressão”.

Para Léo Alves, a vitória do filme no Oscar relembrou a história da avó Dilma Borges. “Olhando ali naquele momento, senti como se fosse a minha própria avó recebendo um prêmio. Minha avó era como Eunice (Paiva), uma esposa na busca incansável pelo marido”, contou. Mario Alves, jornalista e dirigente do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), foi preso em 1970, no Rio de Janeiro.

“Esse prêmio e tudo o que o filme vem angariando, acho que deve ser a ferramenta de disputa de memória mais poderosa que já tivemos desde sempre. Não é

estatístico, mas a gente vê que começa a reverberar até nas instituições”, avaliou o neto de Mario Alves. Ele também relembrou que a mãe e a avó se mudaram 40 vezes para fugir das perseguições políticas.

## Lula e Walter Salles

Na terça-feira, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ligou para o diretor do filme, Walter Salles, para parabenizá-lo pelo Oscar. “Querido Walter, a gente não tem muito o que falar quando percebe que um brasileiro é capaz de se superar numa arte que, até então, me parece que só americano ganhava. Então, eu quero te dizer

que foi uma noite de ouro”, afirmou. “Acho que você já fez outras coisas muito importantes, mas, desta vez, você conseguiu lavar a alma do povo brasileiro e do cinema brasileiro e recuperar, de uma forma muito, mas muito importante, a história do Rubens Paiva.”

Lula prosseguiu: “Você conseguiu dar a seriedade e a leveza necessárias ao comportamento da Fernanda Torres para representar a Eunice Paiva”.

O chefe do Executivo também convidou a equipe do filme para comemorar a vitória do Oscar. Ao **Correio**, a assessoria da Presidência afirmou que ainda não há data prevista para o encontro ocorrer em Brasília.

## » Entrevista | DENISE MORAES | CINEASTA

## Fernanda foi nossa embaixadora

» HENRIQUE SUCENA\*

A cineasta Denise Moraes, professora e coordenadora de graduação do curso de Audiovisual da FAC-UnB, ressaltou a necessidade de se debater os temas abordados no filme *Ainda estou aqui* e destacou o papel da atriz Fernanda Torres como embaixadora do país. “O cinema nacional atravessou fronteiras em que antes ninguém nem ouvia falar do cinema brasileiro. Fernanda Torres teve um papel fundamental como embaixadora do Brasil. Eu a vejo como uma embaixadora porque, primeiro, ela é de uma educação que a gente fica orgulhoso de ter uma artista, uma atriz brasileira, com a postura que ela tem. Em toda entrevista, fala da Eunice Paiva e retoma a questão do período da ditadura. Então, está sempre trazendo o olhar das pessoas para a importância histórica do filme. O filme faz uma

Material/CB



Aponte o celular para o QR Code e assista à entrevista completa

Qual é o impacto para o cinema brasileiro de *Ainda estou aqui* ter ganhado o Oscar?

É enorme. Acho que não foi só o fato de ganhar, mas a campanha que eles fizeram ao redor do mundo, que foi muito forte. O cinema nacional atravessou fronteiras em que antes ninguém nem ouvia falar do cinema brasileiro. Fernanda Torres teve um papel fundamental como embaixadora do Brasil. Eu a vejo como uma embaixadora porque, primeiro, ela é de uma educação que a gente fica orgulhoso de ter uma artista, uma atriz brasileira, com a postura que ela tem. Em toda entrevista, fala da Eunice Paiva e retoma a questão do período da ditadura. Então, está sempre trazendo o olhar das pessoas para a importância histórica do filme. O filme faz uma

propaganda para fora sobre o nosso cinema, mas aqui dentro também, de que a gente pode também levar o nosso cinema para outros lugares e abrir debates que são importantes.

## A abordagem do drama dá a impressão de que poderia acontecer com qualquer família e, por isso, deixou as pessoas tão sensibilizadas?

Eu acredito que sim. Não temos muitos filmes que falam sobre esse período sob o ponto de vista familiar. É um filme que tem esse olhar diferenciado. Propõe uma perspectiva da família pelo olhar da mãe. Mas eu acho que ele não deixa de fora os filhos. Vai contagiando as pessoas, mas também vai remoendo as nossas memórias ligadas à

ditadura. O filme fala, sutilmente, não apenas sobre a questão do medo, mas também sobre a questão da liberdade. Tem toda uma relação entre o privado e o público, que passa por essa liberdade que eles tinham. E, de repente, essa liberdade é cerceada. O medo estava ali rondando, mas ainda não invadia o espaço da família. E, aí, de repente, ele entra em casa, que é esse lugar do resguardo. A ditadura foi isso, ela invadiu casas e levou pessoas que eram as nossas pessoas queridas, afetuosas, os nossos amigos e os nossos pais.

## Acredita que esse filme tem o poder de levar à reflexão pessoas que ainda defendem e apoiam ditaduras?

Acho que o cinema tem um

poder transformador. Você pode, sim, assistir a um filme e rever a história, porque a gente sabe que muitas pessoas não conhecem a história desse período da ditadura. O filme também vem nesse sentido de esclarecer, de fato, o que aconteceu. Quando a gente diz que muitas pessoas foram torturadas e mortas, muitas pessoas falam que isso não existiu. Tem um aspecto no filme que eu acho muito forte, que é a questão das sequelas que a ditadura deixou nas gerações futuras. Acho que vai ser uma responsabilidade, agora, do governo de pensar nas comissões, a Comissão Nacional da Verdade e a Comissão da Anistia.

\*Estagiário sob a supervisão de Severino Francisco

## NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Maurenilson Freire



## O tempo complica a vida do governo Lula

O governo Lula dá a impressão de que ficou prisioneiro do tempo, e os dias se repetem, com pequenas variações, como no Dia da Marmota, um velho filme xarope de Hollywood. Na história, o repórter Phil Connors vai à pequena Punxsutawney fazer a cobertura do evento e fica preso no tempo. É um nonsense. A indicação da deputada Gleisi Hoffman (PT-PR) para a Secretaria de Relações Institucionais do Palácio do Planalto é vista, nos bastidores do Congresso, como exemplo de que as coisas se repetem nos governos do PT: a nova ministra foi chefe da Casa Civil do governo Dilma Rousseff.

Gleisi tem boas relações com os presidentes da Câmara, Hugo Motta (PR-PB), e do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP). O problema é outro. Dona de um estilo “bateu, levou”, a nova ministra é porta-voz da ala do PT que critica a condução da economia pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, que já sofre oposição do ministro da Casa Civil, Rui Costa; com Gleisi, ficará vendido na relação com o Congresso.

Esse conflito pode emergir na votação do Orçamento da União, na próxima semana, já que o plano de trabalho apresentado pelo Congresso e pelo governo com o objetivo de garantir o pagamento das emendas parlamentares foi validado pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Transparência e rastreabilidade nos repasses do dinheiro, porém, não alteram o montante de recursos destinados a essas emendas.

O centro da questão é fiscal. Muitas despesas ainda precisam ser ajustadas. A proposta de orçamento foi enviada em agosto do ano passado, sem contemplar o corte de despesas aprovado no fim do ano. O Legislativo terá que rever as estimativas de gastos e, também, de arrecadação. Mais despesas terão de ser anuladas.

É que não será possível arrecadar R\$ 18,8 bilhões por conta do fim da desoneração da folha de pagamentos; outros R\$ 13,4 bilhões, com a CSLL e juros sobre capital próprio, também não. Assim como recursos adicionais de “offshores” e de dinheiro esquecido em contas pelos correntistas, fatores que favoreceram a arrecadação em 2024.

O governo conta com o impacto positivo na arrecadação de 2025 de R\$ 16,8 bilhões por conta da MP 1.261, que dá novo tratamento ao crédito de perdas de instituições financeiras; e mais o ingresso de R\$ 65 bilhões pelo voto de qualidade do Carf, embora tenham ingressado somente R\$ 300 milhões em 2024 (a estimativa inicial era de R\$ 55 bilhões).

A proposta de Orçamento eleva as receitas primárias em R\$ 22,5 bilhões, ou seja, para um total de R\$ 2,93 trilhões em 2025, considerados irrealistas por técnicos do orçamento. O salário mínimo estava estimado em R\$ 1.509. Como a inflação ficou mais alta, e considerando as novas regras de correção, o valor acabou ficando um pouco maior: R\$ 1.518. Isso implicará gasto adicional, no pagamento de aposentadorias, pensões e benefícios, de cerca de R\$ 3,5 bilhões em 2025.

## Partido alto

Mas a conta não fecha. Devido ao limite global de despesas, terão de ser bloqueados outros gastos. O governo estima uma economia de R\$ 69,8 bilhões em 2025 e 2026, dos quais R\$ 30 bilhões somente em 2025, com o corte de gastos. O mercado, porém, contabiliza cerca de R\$ 45 bilhões nos dois anos. O Pé-de-Meia, que tem R\$ 6 bilhões em um fundo extraordinário, e o vale-gás (R\$ 600 milhões) no orçamento exigirão que sejam bloqueados mais gastos.

Para completar, além dos cerca de R\$ 39 bilhões em emendas que já constam na previsão, os parlamentares querem mais R\$ 11,5 bilhões para as chamadas “emendas de comissão”, que ainda não estão contempladas no orçamento. Segundo o arcabouço fiscal aprovado em 2023, a despesa do governo não pode crescer mais do que 2,5% (acima da inflação). Caso isso aconteça, o governo é obrigado a bloquear gastos, como fez em 2024.

Além disso, a meta aprovada na LDO é zerar o déficit fiscal em 2025. Entretanto, há um intervalo de tolerância de 0,25 ponto percentual para cima e para baixo. Com isso, o governo pode ter um déficit de até R\$ 31 bilhões neste ano. O Supremo Tribunal Federal ainda autorizou o abatimento de precatórios atrasados da meta fiscal, estimados em cerca de R\$ 44 bilhões neste ano.

Economia e política têm ciclos diferentes. O presidente Lula aposta no crescimento da despesa pública e do crédito para reverter a queda de popularidade, provocada, sobretudo, pela inflação; ao mesmo tempo, o Banco Central (BC) aumenta os juros, porque o governo gasta mais do que arrecada. É uma rota de colisão.

Nas contas do economista Felipe Salto (*O Estado de S. Paulo*, 3/3), o governo precisa fazer um corte de despesas da ordem de R\$ 30,9 bilhões para ajustar seus gastos à receita em 2025 e, assim, permitir que o Banco Central (BC) reduza a taxa de juros pra conter a alta dos preços. Se não fizer o ajuste logo, pode perder o bonde da reeleição. Lula parece aquele personagem de um velho partido alto de Paulo César Pinheiro e Wilson das Neves: “Eu perguntei ao tempo/ Quanto tempo eu tenho/ Pra passar o tempo/ O tempo me respondeu/ Deixo o tempo passar/ Você tem muito tempo”. Acontece que não tem.

O GOVERNO PRECISA FAZER UM CORTE DE DESPESAS DA ORDEM DE R\$ 30,9 BILHÕES PARA AJUSTAR SEUS GASTOS À RECEITA EM 2025 E PERMITIR QUE O BANCO CENTRAL (BC) REDUZA A TAXA DE JUROS